



**TEMPOS
EXTREMOS** *Miriam
Leitão*

“Sonho lúcido e fantasia encarnada, a ficção nos completa — a nós, seres mutilados, a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e as fantasias de desejar outras mil.”

MARIO VARGAS LLOSA / *Verdade das Mentiras*

“Dentro da casa-de-fazenda, achada, ao acaso de outras várias e recomeçadas distâncias, passaram-se e passam-se, na retentiva da gente, irreversos grandes fatos — reflexos, relâmpagos, lampejos — pesados em obscuridade. A mansão, estranha fugindo, atrás de serras e serras, sempre, e à beira da mata de algum rio, que proíbe o imaginar. Ou talvez não tenha sido numa fazenda, nem no indescoberto rumo, nem tão longe? Não é possível saber-se, nunca mais.”

JOÃO GUIMARÃES ROSA / “Nenhum, nenhuma”, *Primeiras Estórias*



Eles vieram do nada sem convite, sem aviso. Para eles escrevi, em delírio e por deleite.

- 1 PASSAGEIRA DO TEMPO
- 2 SOMBRAS QUE SE CRUZAM
- 3 A ERA DOS CONFLITOS
- 4 TERCEIRO ANDAR
- 5 OS VESTÍGIOS DO PAI
- 6 ENCONTRO NA NOITE
- 7 A NOTÍCIA NO INÍCIO DO DIA
- 8 URGENTE E PESSOAL
- 9 OS PRISIONEIRO
- 10 A GRANDE TEMPESTADE
- 11 FESTA E FUGA
- 12 A DIVISÃO DOS PRESENTES
- 13 O CANTO COSTURA NO ESCURO
- 14 O SOPRO DA LIBERDADE
- 15 NA BEIRA DO PORTAL
- 16 A DOR NO ALÉM DA VIDA
- 17 A HISTÓRIA REVELADA
- 18 REUNIÕES DE FAMÍLIA
- 19 HORIZONTES DO RIO
- 20 AS FLORES CHEGARAM TÃO TARDE
- 21 A QUARTA DIMENSÃO

AGRADECIMENTOS

CRÉDITOS

O vulto que surgiu na porta do quarto onde Larissa estava parecia tanto um fantasma, que não podia ser.

Sozinha num pequeno cômodo da fazenda centenária, Larissa olhou para a coisa imóvel perto da porta e se aborreceu:

— Vá embora, não estou com medo.

Escurecera mais cedo. Era um tempo em que o dia se cansa fácil e a noite se apressa. Como em todas as fazendas antigas, aquela tinha suas histórias. E foi sobre elas que se conversou ao entardecer. Normalmente encolhida, Joana, a cozinheira, crescia nos momentos de contar estranhezas. Assegurava ter visto, ou saber de alguém que viu, pessoas de outras épocas perambulando pela enorme propriedade. “Uma mulher, décadas atrás, se matou naquele quarto perto da sala de jantar”, dizia. E lá sua alma ficara prisioneira. Garantia com ar fatalista que aquela casa sempre fora, em qualquer época, palco de grandes eventos. Gloriosos ou trágicos.

Em vez de cenário de dramas, a fazenda Soledade de Sinhá parecia um refúgio do tempo. Longe da rodovia, fora da rota do turismo, sem luz, sem telefone, a mansão era um fantasma de eras perdidas.

Larissa olhou de novo. O vulto não se mexia.

A brincadeira de amedrontar não funcionava com ela nem quando era criança. Menos efeito ainda teria agora. Ela gostava do que os outros temiam. O silêncio da noite quebrado por barulhos inexplicáveis acentuava sua imaginação. Sentia como se o escuro a abraçasse. A falta de

luz era abrigo na infância; agora era a desculpa perfeita para fugir ou retardar decisões.

O que se pode fazer no escuro? Tudo se pode entrever, inventar; mas nada se pode fazer. A brincadeira — Larissa tinha certeza — era encenada pela pessoa de sempre.

— Crescemos, Mônica. Chega de bobagem.

O vulto teimoso permanecia. Estranhamente mais alto que sua prima.

O encontro naqueles feriados tinha sido convocado por Maria José, a avó, que fazia 88 anos. Data bonita, de dois números iguais, desenhados em superposições circulares, pensou Larissa. No entanto, a tensão nunca estivera tão forte na família, com o distanciamento sempre crescente entre Alice, sua mãe, e Hélio, seu tio. O momento político avivara velhas feridas entre os irmãos.

Chegaram todos ao longo do dia e se espalharam pelos quartos já preparados, dispostos a passar por cima das desavenças cristalizadas por anos para permitir momentos agradáveis.

Marcos, o filho mais novo de Maria José, trouxe o violão, que costumava ajudar a reunir a família em torno da música, apagando discussões. Veio sozinho, sem a mulher com quem seus filhos jamais haviam aprofundado uma relação. Não gostavam, não desgostavam, era apenas muito diferente da mãe deles. Marcos decidiu não trazê-la na esperança de que houvesse mais diálogo entre ele e os filhos, Felipe e Luisa. Agora, já grandes, iniciando a vida profissional, quem sabe, pensava, haveria chance de refazer o clima de intimidade que um dia tivera com eles quando pequenos. No fim da infância, com a separação, a ex-mulher os levara para morar em São Paulo. O afastamento entre pai e filhos foi sendo tecido pelos desentendimentos que sobreviveram ao casamento. A cada tropeço de Marcos, a ex-mulher lembrava às crianças que o pai não era o exemplo a ser seguido. Os momentos juntos foram ficando cada vez mais raros.

Hélio, o filho mais velho de Maria José, chegou no começo da tarde com a mulher, Márcia, e a neta, Clara, de onze anos, filha do primeiro casamento de Mônica. Clara morava com os avós. André, o filho mais velho de Hélio, também veio cedo. Ele tinha conseguido sair no fim da manhã da universidade, apanhara na escola os dois filhos, Pedro e Maria, e viera disposto a chegar durante o dia. Preferia dirigir com luz.

Larissa madrugara para estar lá durante a manhã; Mônica apareceu no começo da noite, alegando cansaço pela festa da véspera. As duas tinham a mesma idade e temperamentos opostos. Larissa era quieta, tímida, recolhida; Mônica, expansiva. Larissa profunda, filosófica; Mônica leve, frívola. Larissa, de beleza discreta, dessas que precisam de tempo para se mostrar; Mônica, explicitamente bela. Essas diferenças elas manejaram bem ao longo da vida. Era o menor dos conflitos da família. Foram colocadas no mesmo quarto em homenagem à antiga amizade. Larissa estava sem o marido, Antônio; Mônica, claro, sem o novo — e secreto — namorado.

As crianças foram instaladas no que era conhecido como quartão: um cômodo comprido, com cinco camas dispostas paralelamente com as cabeceiras encostadas na parede maior. A sexta cama, no entanto, fora colocada perpendicular às outras, debaixo de uma janela. Na cabeceira, um enorme crucifixo. Os primos Clara, Pedro e Maria ocuparam as primeiras camas e puseram as malas e os brinquedos em cima das outras duas. Mas olhavam com certa desconfiança aquela cama que, separada de todas as outras, ficava lá de frente para onde eles estavam. Nela, ninguém aceitava deitar, não se sabia por quê. Era o medo pelo medo, sem explicações.

O que confortava os meninos era a certeza de que no quarto ao lado ficavam duas adultas: Mônica, mãe de Clara, e Larissa. Principalmente Larissa as acalmava, dizendo nada haver de sobrenatural por ali.

Quando todos foram dormir, Mônica começou a dar detalhes não pedidos. Sim, seu namorado era casado. Riquíssimo. Estava comprando

um avião para visitar suas fazendas de gado em Mato Grosso. Tinha apartamento em Nova York. Romântico.

— Casado, mas está apaixonado por mim. Esse, se eu pego resolvo meus problemas.

Larissa se espantava com a intacta superficialidade de Mônica. Sempre fora o que era agora. Não lembraria a ela, para não ofender, que ela deveria era se preocupar em organizar-se, ter uma vida de gente grande; morar com a filha, Clara, e assumir a educação da menina. Até quando viveria nas festas, como se tivesse eternamente vinte anos?

Aquela conversa a aborreceu. Quis recolhimento e silêncio. Decidiu procurar outro recanto. O quarto escolhido foi exatamente o que ninguém jamais quis, sobre o qual pairavam dúvidas e sombras. O cansaço da viagem, o peso das suas angústias maduras, as difíceis decisões a tomar eram mais fortes e, por isso, ela quis fugir das conversas de Mônica.

— Você está falante demais para o meu gosto, eu quero sossego. Vou dormir no quartinho perto da sala de jantar, que amanhã levanto cedo e não te acordo.

— E o fantasma, sua doida?

— Ora, você acredita nisso?

Para chegar ao cômodo era preciso sair da ala dos quartos, passar pelo salão central de tábuas largas, cruzar salas menores, atravessar um corredor que dava na sala de jantar e entrar na primeira porta. De dia, era um local acolhedor. De noite, o lugar evitado.

O fantasma seria o de uma mulher infeliz, segundo contara Joana na conversa do entardecer. Cansada das traições do marido, teria se vingado com a própria morte. O marido a encontrou quando chegou. O remorso o consumiu ao saber do padecimento da esposa.

Uma praga, em seguida, devastou as plantações. As flores não floriram durante anos. Os bois morreram no pasto, que ficou seco. Uma onda de morte se espalhou pelos campos. A natureza murchou. Praga,

diziam. A alma da infeliz teria ficado instalada no local de sua agonia. Assim Joana contava, trágica. A cada recontar, novos detalhes eram adicionados.

A lenda aterrorizava as crianças, mas Larissa a ouvia com todo o interesse que dedicava à cultura popular, que estava se perdendo no interior de Minas Gerais com a eletrificação do campo. Um retalho do passado completamente condenado na cultura atual. Ela sonhava em guardar aqueles relatos em livro.

Sem medo nem espanto, mas com alguma irritação, constatou que a figura permanecia onde estava, ao lado da porta. Virou-se para o canto para demonstrar desprezo pela tentativa de assustá-la e falou, de costas para o vulto, quase em súplica:

— Mônica, deixa de ser infantil. Fantasma... era só o que faltava! Quando criança, eu não tinha medo. Vou ter agora? Acho superlegal a gente lembrar a infância, mas me deixa. Estou cansada e quero acordar cedo.

O tempo parava naquela escuridão. Larissa foi deixando o corpo amolecer, o sono chegar devagar. Meio entorpecida, já quase dormindo, virou-se tentando achar melhor posição e, de novo, viu o vulto na porta.

Basta — pensou.

Era hora de encerrar definitivamente aquela encenação imatura.

Pegou a lanterna e a acendeu na cara da prima para mostrar que não estava assustada com o teatro de assombração.

O vulto desapareceu.

Sumiu no iluminado.

Larissa escorregou a luz da lanterna pela porta toda.

Viu que estava fechada.

Levantou e tentou abrir.

Estava trancada.

Lembrou então que havia fechado quando entrara no quarto.

Enigma.

Se Mônica não poderia ter entrado no quarto, o que era aquilo?

Larissa duvidou pela primeira vez.

Olhou para a janela tentando imaginar se alguma luz externa, da lua, havia atravessado os vidros. A parte de dentro da janela, em estilo francês, de vidro, com pequenos quadrados, estava trancada. Na parte de fora, a janela era de madeira maciça e, durante o dia, ficava completamente aberta, presa pelos bonecos de ferro por causa do vento.

A parte de dentro da janela ficava aberta nos dias de sol e fechada nos dias de chuva, permitindo, ainda assim, que em qualquer época fossem avistadas as ondulações de morros sem fim.

Imaginou a possibilidade de que a janela externa tivesse alguma fresta pela qual passasse a luz da lua, criando o estranho reflexo na porta. Mas não. Tudo fechado, sem frestas. E lá fora, a lua estava encoberta. Rodou a lanterna pelo quarto e não encontrou uma única entrada para qualquer luz ou reflexo pelas paredes.

Foi quando se inquietou.

Apagou a lanterna e conferiu a porta. Nada havia. Tentou espantar o desconforto e voltar a dormir, mas a curiosidade era um fermento. Ficou deitada encarando a porta.

O vulto reapareceu.

Larissa levantou automaticamente o corpo e se sentou na cama. Ela não acreditava em nada que não se pudesse ver e tocar. Nessa concretude descrente — e só nisso — se parecia com a mãe, agnóstica do período da militância política dos anos 1970. Criada em ambiente racional, Larissa tinha desprezo pelo sobrenatural. Seu apreço era ao folclore, à cultura popular.

Percebeu um sutil movimento no vulto e ouviu um som. Estranho, indefinível. Vindo de longe, mas aconchegante. Súbito, o som formou uma frase:

— Quer saber quem sou eu, minha irmã?

Larissa, prisioneira de duas forças. Iguais, contrárias. Fugir ou

entender? O medo devastador. Paralisante. A tentação de aceitar o convite. Quem era ela? O que, de fato, acontecia naquele momento, naquele quarto?

Ouvi ou sonhei? Delírio? É sonho, só isso, pensou.

Instintivamente rechaçou:

— Não!

O vulto sumiu, obediente.

Ela procurou a lanterna. Sua mão apalpava a cama sem encontrá-la. Olhou em volta. Não via coisa alguma naquele quarto. A lanterna, enfim encontrada, reconfortou-a momentaneamente. Luz vasculhando o quarto. O nada. Nenhum ser ou sombra.

Cochilara, convenceu-se.

Foi isso. Por alguns instantes, dormiu e todas aquelas histórias a haviam impressionado mais do que era capaz de admitir, com sua mente orgulhosa da racionalidade.

Era tarde para a razão. O desconforto tinha ficado forte demais. Abriu a porta, saiu do quartinho com a lanterna acesa e foi andando pelo casarão no meio da noite. Tropeçava em móveis, errava as portas, o chão de madeira rangia, o caminho parecia longo, infinito. A escuridão não a guardava mais. O escuro a feria, pela primeira vez, com a sensação de perigo desconhecido e iminente. Ela quis companhia. Foi para o seu lugar no quarto em que Mônica dormia.

Na cama, tremia. Olhava para os lados. Nada via, tudo intuía.

A escuridão de uma noite sem lua nem estrelas, numa fazenda centenária no parado do tempo de Minas, nada mostra, nada confessa. Entrega ao vivente o terror de suas fraquezas.

A Soledade de Sinhá ficava num vale cercado por montanhas e recônditos. Passara por vários ciclos econômicos e disso trazia as marcas. No começo, foi um centro de mineração, e uma primeira sede rústica — mas sólida — fora construída perto de uma ramificação da estrada que escoava riquezas para a corte. No início do século XIX, foi reformada e

ampliada para virar uma próspera fazenda de plantações diversas, gado de corte e de leite, que atravessou gerações e conheceu a decadência. Então, um novo dono e mais um período de prosperidade. O filho mais velho herdou a terra e a manteve, até que foi para a cidade e envolveu-se em outros negócios. Houve mais um longo período de abandono e desleixo.

Nos últimos anos, havia surgido a esperança do recomeço quando Sônia, a filha de Maria José, comprou a propriedade pensando em recuperá-la e fazer dela um hotel, além de atualizar a atividade produtiva dos quinhentos hectares de terra. O trabalho de refazer o destruído não estava pronto.

A construção fora plantada num declive, de forma que parecia, num dos lados, ter um andar a mais. Esse primeiro andar foi senzala, celeiro e selaria, dependendo da época. Hoje era um porão entupido de móveis para restaurar, caixas, entulhos. Dava para um agradável pátio de pedra interno, de onde se via melhor a grandeza do imóvel. De frente, tinha dois andares. O porão não aparecia. O primeiro andar — o segundo da perspectiva do pátio interno —, já estava reformado. O último andar estava em obras. O conjunto ainda revelava o meio do caminho. Uma estação no tempo.

Pedras de cantaria contornavam as inúmeras janelas e portas; toras de madeira de cinco a sete metros seguravam a estrutura num entrelaçamento robusto. O piso de tábuas largas, verdadeiros pranchões, mantinha a elegância. Alguns móveis tinham sido refeitos e enfeitavam os aposentos, como um precioso arcaz da sala principal que alternava gavetões e gavetas menores. Os afrescos das vidraças das salas apenas insinuavam a beleza que haviam tido. Uma escadaria de pedra na entrada dava um ar de grandeza ao imóvel, ainda que este não tivesse o toque europeu na arquitetura nem a decoração das propriedades do vale do Paraíba, no Rio de Janeiro. Em Minas, havia menos pompa. Acabada a época em que o ouro afluía, atizando a cobiça, o saque e as traições, a riqueza ficou mais difícil de ser extraída de terras montanhosas; e a gente

do lugar cunhou esse jeito de guardar dos olhos alheios parte do que sabe.

A fazenda tinha resistido ao passar dos anos, ao descuido, ao abandono, com uma nobreza sóbria que sucumbe, mas não verga; que pode ser abatida, mas não vencida. Tinha a imponência sólida das construções feitas para a permanência.

Larissa vigiava acordada em espanto, tentando racionalizar o que vira e ouvira. Tudo impossível. Pela primeira vez, não sentia prazer de estar no escuro. Naquelas horas mortas, contava os minutos para amanhecer, inquieta. Se ao menos pudesse ler... Havia um velho gerador que iluminava apenas parte da casa, porém, depois que todos iam dormir, o motor era desligado para poupar combustível. Sem luz, nada podia fazer.

Quando a avó pedira a reunião, ali na fazenda da Sônia, Larissa fora a primeira a confirmar presença. Viu o convite como uma forma de se lembrar da infância, quando todos se juntavam na casa em que a avó tinha morado no Grajaú, no Rio. Antônio estava de plantão no jornal e às voltas com uma investigação complicada. Lamentou não ir. Desde o casamento com Larissa, tinha adotado como sua aquela família. Com seus defeitos e tensões era melhor do que a dele, que se dispersara por desinteresse.

O asfalto passava muito longe do velho casarão. Após a morte da mulher, o último dono tinha ido morar na cidade. Não exerceu sua influência no traçado da rodovia erguida nos anos 1960, no auge do compulsivo rodoviarismo brasileiro. A estrada serpenteou outras propriedades levando progresso, luz, apagando mistérios.

Um longo atalho de chão ligava a Soledade à estrada asfaltada. Nas chuvas, ficava intransitável; na seca, a poeira encobria quem se atrevesse. Ela ficou lá, com sua imponência inútil, meio longe de tudo, meio perdida e cercada de montanhas, protegida das mudanças, exposta apenas ao tempo que a marcava sem, no entanto, apagar a beleza. As pinturas descascadas de suas portas e janelas mostravam cores várias, em camadas,

acumuladas, formando um decapê natural, quase moderno. Cercada de árvores que haviam crescido na época do abandono, a fazenda parecia um enclave do velho na sequência de casas renovadas em toda a região. A revitalização que estava em curso no vale fazia da propriedade um grande negócio. Havia sido comprada por um bom preço anos antes.

Da vida de economista do setor financeiro, Sônia havia ficado com esse talento. Sabia vender e comprar, entrar e sair, falar e calar. Tudo na hora certa. Só sua vida era incerta, escondida, como um segredo. O que se conhecia era um amor longo e infrutífero, seguido de amores breves e inúteis. Era melhor na alocação de ativos e na distribuição dos recursos em carteiras de investimento. Na diversificação dos bens, tinha decidido apostar um pouco naquele ativo fixo, por ser reserva de valor. Terra e um grande imóvel rural histórico são garantias em momentos de muita incerteza. Encheu os pastos de boi enquanto pensava em outras unidades de negócio a instalar ali. Deixou a mata intocada, imaginando uma exploração turística histórica e ecológica. Agora, com a reforma da casa, estava com chance de extrair boa renda do imóvel principal como hotel, desde que, claro, fosse resolvido o problema da estrada. Nas terras, além do gado de corte, iniciava um plantel de cavalos de raça. Não chegava a ser um haras, mas já tinha alguns bons produtos da raça campolina.

Os filhos do último proprietário cresceram longe, levados por ele para a vida urbana. Nunca se interessaram por Soledade. Depois da morte do pai, feito o espólio, venderam as terras e o casarão onde a mãe morrera. Eram insensíveis à sua beleza e à sua história. Queriam se desfazer do passado.

Essa foi a oportunidade que Sônia aproveitou. Só que a obra era mais demorada do que imaginara. Havia uma infinidade de detalhes para manter a autenticidade da arquitetura. Sônia tinha pouco tempo e uma carteira de ativos de renda fixa e variável para administrar e proteger das oscilações da conjuntura mutante do Brasil. Anos depois, ainda não havia conseguido dar todo o destino econômico ao local que havia calculado e

*image
not
available*

vida, de se expor, de lutar por seus objetivos. Temia os vivos.

Era estranha por seus gostos e escolhas. Gostava de acordar de madrugada, antes de todos, em qualquer reunião de família. Desde criança estava sempre em algum canto mais escondido, com um livro na mão.

Esse fugir de todos e precisar deles era a contradição que a definia. Sonhava encontrar os primos e tios, porém ficava arredia, vendo-os de longe. As madrugadas eram a fuga perfeita. Sabia que eles levantariam logo, mas tinha aquele momento do dia só seu. Era a primeira a acordar, apenas pelo prazer de sentir a solidão.

Como o sono demorara a chegar, naquele dia acordou mais tarde. Ao aparecer para o café da manhã servido na enorme mesa da cozinha com fogão a lenha, a brincadeira geral foi sobre ela ter voltado para perto de Mônica. Serena, com um leve sorriso, ouviu as piadas até que elas cessaram.

Encheu uma grande caneca com o café ralo no fogão da Joana, mordeu um pedaço de broa de fubá e soltou sua bomba:

— Vi um vulto no quartinho.

Os rostos se viraram para ela. O de Joana, pálido. Um silêncio inédito na família barulhenta. Todos com a mesma curiosidade. Larissa, que dizia nada temer, nada existir de sobrenatural. Ela vira o vulto; era a confirmação.

— Vi. Vi um vulto. Ficou parado na porta entreaberta. Pensei que era a Mônica. Mas depois verifiquei que eu tinha trancado a porta. Ela não estava entreaberta. Pensei que era a luz da lua, reflexo. Pesquisei para ver o que estava dando aquele efeito. Só que a janela estava fechada, totalmente, inclusive a parte de madeira. Não entendi.

— Você teve medo? — perguntou Clara, apavorada.

— Bom, preferi sair de lá, Clarinha.

Escondeu uma parte do fato. A de que o vulto falara. Ela ainda não acreditava. Quem sabe foi num cochilo que pensou ter ouvido... Nem na

*image
not
available*

lucidez da autora, saboreou um texto escrito por Virginia Woolf para um encontro de mulheres. “Ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar.” Tantos anos e tantas escritoras depois daquele 1931 em que Virginia Woolf pronunciara essa palestra, Larissa se sentia ainda tendo de enfrentar seus fantasmas e remover rochas para assumir que sonhava, desde sempre, com a ousadia de escrever livros. Não admitiria para ninguém, não confessaria nem a si mesma a intensidade do seu desejo. Continuará estudando e se aprofundando em textos técnicos, destinados a leitores especializados, ou em matérias que redigia para publicações de área específica. Não entregaria sua alma e seu corpo à experiência radical, de nudez pública, que seria escrever um romance. “Falar a verdade sobre minhas experiências do corpo, creio que não resolvi. Duvido que alguma mulher tenha resolvido. Ela ainda tem muitos fantasmas a combater, muitos preconceitos a vencer.” Tinha lido e relido essas frases durante a tarde. Virginia Woolf, que se expôs nua em seus livros numa era de mulheres encobertas, que atravessou com sua literatura perturbadora fronteiras impossíveis; até ela avisava da dificuldade. Só que, quase um século depois, muitas outras vieram. O caminho estava aberto. Fantasmas mortos, rochas removidas. O que temia Larissa?

A tese de doutorado a consumiria mais alguns anos com seu roteiro inescapável, das citações sequenciais do conhecimento consolidado à proposição da ideia central. Pensar nesse projeto a pacificava. A incógnita que permanecia era o inverossímil da noite anterior. O que a atordoava era a certeza de que tinha visto algo indescritível e inaceitável: um vulto no meio da noite.

No caminho até o quarto, andou devagar como se procurasse algo ou pesquisasse. A pouca energia do gerador estava sendo consumida no salão onde todos estavam. A maior parte da fazenda estava na penumbra de alguns lampiões. Ela andava com sua lanterna focando nos pontos que

*image
not
available*

principal.

O rapaz a distância confirmava que o escuro esconde vidas.

Ela andou até o jovem. Assustou-se ao vê-lo de perto. Reconheceu o rosto do pai. Ele estava igual ao da foto feita na época da prisão. Com o mesmo corte de cabelo que exibia no retrato em preto e branco do cartaz que ficava no escritório da mãe.

Aquela palavra, “procurado”, era profética. Ela o procurara a vida inteira. Inútil espera, que, na infância, parecia apenas questão de tempo. Até que ficou tarde demais.

— É preciso deixar decantar a dor para entendê-la, mas não espere demais. O passado precisa passar — disse o rapaz.

Era mais novo que ela e o pai que nunca encontrou.

Acordou inquieta. Alívio. Dessa vez tinha certeza: era sonho.

No meio da noite, acordada, pensou no pai, com quem sonhava com frequência, na mulher ao piano e no estranho evento da noite anterior. Não teve mais medo; apenas dúvida. Estaria com algum tipo de distúrbio mental? Confirmava-se a acusação, sempre repetida pela mãe em momentos azedos, de que ela era estranha demais para ser normal.

Ela feria a filha com essa frase. Várias outras. Hoje já não se importava. Longe de casa, Larissa a via cada vez com menos frequência. Distanciava-se. O que realmente mais a machucava não eram as palavras ásperas da mãe e sim o silêncio sobre seu pai. “Carlos foi um homem corajoso do qual você pode se orgulhar. Foi levado para a Polícia do Exército da Barão de Mesquita e lá torturado até a morte. Nunca se soube exatamente o que houve no final. Está na lista de desaparecidos políticos. Temos apenas fragmentos de fatos. Nada se soube de como morreu, ou do que houve com o corpo. Lutei muito, procurei muito, mas nunca tive certezas.”

Era sempre com respostas assim que a mãe reagia quando ela perguntava do pai. Larissa não queria saber da morte dele, mas da vida. Queria seguir seus passos para mostrar que a vida tinha vencido, afinal.

*image
not
available*

— Você também precisa de nós.

Larissa tentou pegar a lanterna.

— Venha, mas sem lume. Você pode ver no escuro o que ele revela, basta querer.

Ela se levantou, e o rosto da mulher ficou visível.

Era bonita. Lábios grossos na boca bem-marcada, olhos profundos, longilínea, pescoço longo. Vista de perto, sua roupa não era branca como presumira de longe. Tinha brilho. A cor bege do vestido ressaltava o negro da cor da pele e desenhava um corpo magro acima da cintura, quadris largos, pernas longas. Não adivinhou a idade. Ora era mais velha, ora jovem, como se flutuasse no tempo. Larissa estava hipnotizada. Entrara numa narrativa sedutora. daquelas que tornam o mundo real meio irreal, como um eco.

Paulina saiu andando. Larissa a seguiu em silêncio e torpor. Atravessaram cômodos e corredores da fazenda, passaram pela enorme cozinha. Os móveis eram visíveis apesar da escuridão.

A mulher parou na escada que dava para o primeiro andar. Com um gesto, convidou Larissa a descer.

— Não dá para entrar nesse porão. Há uma pilha de móveis, caixas, entulhos. É difícil andar nele.

Sônia tinha jogado naquele espaço, sem cuidado ou ordem, mobília da casa dos pais, peças que encontrara ali precisando de reparos, móveis que garimpara nos antiquários da rua do Lavradio, no Rio, que precisavam ser recuperados. Nada se entendia. A passagem era bloqueada pela confusão. Prometeu arrumar um dia, e o tempo longo da desordem tornara difícil caminhar no local. A poeira se acumulou, teias foram tecidas por laboriosas aranhas. Virou um depósito de trastes aleatórios. A mulher sorriu na penumbra. Belos e brilhantes dentes, olhar maduro e doce.

— Você vai conseguir.

Ao pé da escada, um rapaz aguardava as duas.

*image
not
available*

por onde passaram veios de Minas: passaram nobres, tropeiros, bandeirantes, senhores, escravos, sinhás, capatazes, inconfidentes. Era um atalho e não o eixo principal da estrada, mas impressionava, de qualquer modo. Minas tem em seu corpo, como cicatrizes, vários resquícios das estradas dos antigos; eles se separam e se perdem. Acabam e recomeçam. Têm todos a mesma beleza do chão que o passado pisou.

Olhou para as pedras largas, algumas com o verde do musgo, e imaginou o lento e difícil trabalho de construção. Cada pedra fixada; quebradas, uma a uma, em contornos irregulares. Como eram carregadas? Como eram tão firmemente encaixadas na terra? Quantos atravessaram essas mesmas pedras?

Por aqui passava um homem

(E como o povo se ria!)

Liberdade ainda que tarde

Nos prometia.

Versos do “Romanceiro da Inconfidência” na cabeça, olhos no chão e o cavalgar lento foram de novo refazendo a impressão de que, de certa forma, passados intensos ficam, com sua amargura ou beleza, nas coisas físicas. Olhou longe e viu alguém cruzando a estrada. Apressou o cavalo instintivamente. Queria entender por que não conseguia sair do clima do encontro daquela noite. Foi se aproximando da pessoa, que parou sob as árvores num elevado da estrada, perto da porteira para a fazenda vizinha. Resolveu chamá-la.

— Oi, moço.

Ele se virou. Larissa tomou um susto. Era o mesmo rapaz que havia visto na descida ao porão, à noite.

— O que você faz aqui?

— Espero você.

O rosto visto na luz do dia era de beleza magnética, esculpido sem

*image
not
available*

aos civis? Do que mesmo os governos civis têm medo? Eu digo: vocês não querem que toda a verdade apareça porque sabem dos crimes que a esquerda cometeu.

Alice se virou para a família, como a pedir mediação.

Era de esperar o conflito. Era sempre assim com Alice e Hélio, dois irmãos nunca suficientemente reconciliados da grande fratura. Sônia e Marcos, os outros dois irmãos, eram diferentes. Ela, prática, ele, romântico; ela, administradora, ele, incapaz de organizar o mínimo. Ela, economista vencedora, que ganhara muito em todas as oscilações da bolsa e da conjuntura econômica vacilante dos anos da inflação alta e dos planos inesperados. Ele, alternativo e mutante. Tentara teatro experimental, viver em comunidades, até se acomodar num trabalho de baixo retorno e uma vida de eternas dificuldades financeiras, das quais Sônia o resgatava de vez em quando com empréstimos que não seriam pagos. Ele, sem segredos no amor; ela, de um longo amor escondido. Secreto pelos motivos conhecidos. Sem nunca ter se casado, Sônia ficara ainda mais centrada na sua bem-sucedida vida financeira.

Mesmo opostos, Sônia e Marcos preservaram o afeto e o respeito às diferenças. Mas Alice e Hélio se enfrentavam em todos os encontros de família, perturbando a paz com esse incessante tocar nas feridas, sem jamais curá-las.

Todos à mesa, a comida no fogão, o aconchego do encontro. O que Larissa queria, no conflito interno de estar vivendo algo inconfessável, era que a repetitiva discussão acabasse e que fossem todos ouvir a cantoria de violão de Marcos, que fugia daqueles embates constantes dedilhando canções de raiz, tendência que escavava atrás de pérolas:

Ô maravia, ô maraviá

O amor dos outros chega e o meu não quer chegar

Quando ele aparecer meu coração vai parar

Ai, ai, ai, ai... vai parar.

*image
not
available*

comunidade de informações.

— São Jorge de puteiro, o meu irmão!

— Alice, chega! Se você não respeita seu irmão, me respeite ao menos, que sou mãe dele e sei a pessoa que eduquei — impôs Maria José, a mãe dos quatro.

Marcos ainda tentou sacar do violão e terminar a guerra com a doçura do Adoniran:

Iracema, eu nunca mais eu te vi.

Iracema, meu grande amor, foi embora.

O canto morreu. Não havia clima para os lamentos musicais de Marcos. Morreu a concórdia. O ambiente aconchegante daquela mesa onde dona Maria José pensava reunir filhos e netos para o almoço havia sido sufocado.

Lembrava-se da juventude dos filhos, quando começara a grande guerra nunca terminada. Detestava aquelas discussões.

Larissa olhou a família. Ela os amava tanto... Sentados à mesa ou espalhados pela enorme cozinha da fazenda, eles eram, com suas falhas e conflitos, o seu povo. Não os escolhera, mal se encaixava, e os amava ainda assim. Mas havia aspereza demais. Os gritos dos dois irmãos escondiam a incapacidade de uma conversa sincera e libertadora.

A comida mineira foi saboreada em silêncio. Sua avó, devastada, vira mais uma vez o embate insanável entre Alice e Hélio. Seus lindos olhos azuis se acinzentavam em momentos de briga entre eles. Fugiam os olhos da avó. Para longe, para um passado que não se podia visitar. O início da fratura irremediável que azedava todos os encontros familiares. Como fora acontecer exatamente aquilo? Em que condições eles escolheram caminhos tão diferentes?

O passado era assunto intratável na família, porque a conversa terminava com Hélio e Alice se ofendendo. Tudo estava indo bem, dessa

*image
not
available*

enterrar o irmão, Polinices.

— Bom escapismo. Fugir para a Grécia antiga. Mas até isso me lembra de dores que vivi. Não enterrei o corpo do seu pai.

Larissa fez silêncio lembrando a dor que as unia: o enterro que não houve.

— Doloroso, sim, mãe, mas só queria dizer que o nome da operação é bonito: Antígona.

— Em que mundo você vive? Essa sua alienação desde que deixou o jornalismo é preocupante. Eu estou longe, não é no órgão no qual trabalho, não sei dos bastidores, mas o governo tem sofrido com a conspiração da grande imprensa, que não aceita que a esquerda esteja no poder. Estamos ferindo interesses da elite deste país. E a direita que está na imprensa quer nos desestabilizar. Esse é o único motivo que me faz gostar da sua saída do jornalismo. Mas, ao sair das redações, você ficou alienada. Não vê o que está por trás desse suposto escândalo?

— Antígona é um nome bonito, é só isso que estou dizendo. Sem maiores considerações.

— O problema aqui não é a sonoridade do nome ou a beleza do teatro grego, mas a acusação do seu tio de que agora há corrupção no governo e que, na época dos militares, não havia. De que lado você está?

— Não estou de lado algum. Quer dizer: óbvio que havia corrupção no governo militar, mas eu não estava tentando fugir de mais uma discussão de vocês. Só estou dizendo que a peça escrita por Sófocles...

— Tenho uma filha incapaz de ver o tempo presente, a vida presente. Você foi estudar História para fugir da atualidade, não para entender a natureza do país e atuar para mudar a realidade.

— Não estou fugindo. Há um momento da trilogia tebana em que Teseu, rei de Atenas, diz para Creonte, o governante de Tebas, algo que você pode um dia ter pensado em relação aos que combateu: “Terei de estar atento a essas circunstâncias para evitar que considerem minha pátria tão fraca a ponto de curvar-se a um homem só”.

*image
not
available*

olha que detalhe incrível da história — que Antígona é noiva de Hêmon, o filho de Creonte. Poderá o amado livrar a noiva da condenação do próprio pai?

— Conta direito, Larissa. Do começo. Ninguém está entendendo com você pulando direto pro final — pediu Felipe.

— Ótimo, eu vou fazendo um fundo musical. Vai contando, e eu no violão vou improvisando — brincou Marcos.

— Isso está virando um espetáculo — aprovou Sônia.

— As peças eram encenadas assim, para serem espetáculo. Tebas era o local mítico onde tudo acontecia.

Naquele início de tarde, a família, incapaz de lavar o passado recente que a fraturava ao meio, jogou-se no teatro grego. Ele ocupou o lugar dos casos de assombrações e dos fantasmas recentes jamais enterrados.

“Antígona”, a operação da Polícia Federal, foi superada pela verdadeira Antígona, filha e irmã, que vivera para os seus. Amando-os tão desesperadamente, com altivez insensata e orgulhosa teimosia até o momento final. Os olhos furados do rei Édipo na longa expiação da culpa que cometera sem saber, o lavar e preparar o corpo do irmão para o funeral solitário executado por Antígona, as batalhas verbais travadas para ensinar ao poder os seus limites, cheias de significados para o presente, para todos os presentes. Em Tebas, Larissa enfim entendia a desavença política da família.

No auge da narrativa, empolgada, pensou ter visto um brilho de orgulho no olhar da mãe.

Ao fim, silenciou, pensativa. O que a consumia era sua sina de não saber — como Antígona encarcerada — a que mundo pertencia: se dos vivos, se dos mortos.

*image
not
available*

aflitos, após a longa viagem, sendo registradas como objetos naquele caderno grande das anotações da velha fazenda.

O presente também era intenso, como notou logo que desceu para o jantar. A paz fora definitivamente rompida e sua avó pedia socorro aos netos para abafar a animosidade que aflorara outra vez entre Hélio e Alice. Discutiam sobre a abertura dos arquivos da ditadura.

— Já não há documentos, Alice. Eles foram destruídos, queimados. Para que ficar remoendo esse passado? Por que esse revanchismo?

— O país tem direito à verdade e à memória.

— Não venha com chavões. Se é para contar, vamos contar tudo. O Exército, Alice, fez o que tinha que fazer para proteger o país do comunismo. O que você queria? Fazer disso aqui uma enorme Cuba?!

— Quem queimou? Com ordens de quem?

— Parem, pelo amor de Deus! Vocês estão discutindo desde a década de setenta, infernizando os encontros de família. Vocês dois foram vítimas de uma época — implorou Maria José.

— Vítimas, mãe? Como você pode achar que nós dois somos iguais? Enquanto Hélio estava seguro na sua vida de soldadinho, eu estava sendo torturada pelos colegas dele. Só há uma vítima aqui, e não finja que não sabe a diferença porque é mãe dos dois. Eu arrisquei minha vida por este país; o seu filho estava do lado dos que tomaram o aparelho do Estado e o usaram contra os cidadãos.

Ela falava alto com a mãe na frente dos netos dela. Maria José recolheu-se, ofendida, ao silêncio, enquanto Alice foi para o quarto em que estava, pisando forte no chão de madeira de lei.

Larissa viu a cena como se caísse do túnel do tempo, de um passado em que pessoas eram vendidas como peças. Sobre isso se assentou um país e, às vezes, esquerda e direita não se dão conta de que pisam sobre sangue mais antigo que marcou com violência a estrutura fundadora do Brasil. A herança nunca superada. Esperou a noite em silêncio, num canto, isolada, como quem espera o dia começar e a vida retomar seu